

13 de Novembro 2007 – Terça-feira  
Grande Auditório  
21H00  
**Duração aproximada:** 1H30 s/intervalo  
**Produção:** CCB  
**Agenciamento:** Paulo Gil – MPG Musica

## AHMAD JAMAL

### MÚSICOS

AHMAD JAMAL – piano  
JAMES CAMMACK – contrabaixo  
IDRIS MUHAMMAD – bateria  
MANOLO BADRENA – percussão

### Ahmad Jamal

(Pittsburgh, 2 de Julho de 1930)

A música encontra neste pianista e compositor uma referência maior. Face a uma carreira de mais de cinquenta anos mantém uma actualidade invejável, mesmo sendo um exemplo de longevidade e acerto. Talvez isto se deva ao facto de preferir o palco ao estúdio. O contacto com o público à frieza da perfeição calculada. Trata-se verdadeiramente de um grande músico de jazz.

Inicia a sua aprendizagem através de repertório clássico ainda na infância e logo aos onze anos assume os primeiros compromissos profissionais. Ainda antes de atingir a maioridade enceta digressões pelos Estados Unidos com a orquestra de George Hudson. A vivência na estrada e os inúmeros concertos que daí resultam dão-lhe autoridade suficiente para assumir, a partir de 1951, o seu primeiro trio Three Strings. Originalmente com Ray Crawford à guitarra e Eddie Calhoun no contrabaixo vai promovendo o estilo do pianista que desde logo começa a chamar a atenção. Balizas importantes deste tempo são, em Chicago, o clube Blue Note e depois, em Nova Iorque, o Embers. Será aqui que o conhecido produtor John Hammond descobrirá e apoiará o novo talento. Antes de Jamal já tinham chamado a atenção de Hammond nomes tão exemplificativos como Benny Goodman, Billie Holiday, Count Basie, entre muitos outros. Esta colecção de nomes, embora muito incompleta, dá uma ideia clara do impacto que o jovem começava a causar no mundo do jazz que tem entre Chicago e Nova Iorque um dos eixos da sua evolução. Nos anos trinta o *swing* das *big bands*. Na década seguinte, o *bebop* nova-iorquino. Ambos formam a matriz principal das correntes que irá conhecer. A carreira de Ahmad Jamal está estreitamente relacionada com estes dois pólos. Será no Hotel Pershing de Chicago que gravará, em 1958, uma série de sessões com Israel Crosby no contrabaixo e Vernell Fournier na bateria. Estas tornar-se-ão emblemáticas na sua carreira. A geografia do jazz é também vital para a compreensão da sua genealogia. Não nos esqueçamos que é de Pittsburgh uma das grandes influências em Ahmad Jamal. Trata-se de Errol Garner. Também são naturais desta cidade Art Blackey e Ray Brown.

Embora tenha tocado e gravado com formações mais numerosas, por exemplo em *Jamalca* (1974), a verdade é que é o trio aquela formação que directamente associamos a Ahmad Jamal. Sem tornar a menção obrigatória o pianista gosta de denominar *small ensemble*, inscrevendo-a na tradição de Nat King Cole, Bill Evans, McCoy Tyner e Abdulah Ibrahim. É também fora de obrigações que acaba por tocar

com os mesmos músicos anos a fio. Crosby e Fournier até aos anos sessenta, Jamil Nasser e Frank Gant durante os anos setenta.

Acompanha a evolução do jazz a partir dos anos cinquenta. Quando começa a gravar já as arestas da revolução do *bebop* estão limadas. O ímpeto com que os *beboppers* se lançavam numa linguagem nova, plena de configurações harmónicas e escalares inéditas, começava já a apurar. Por exemplo, os arranjos deixam de ser tão canónicos e a densidade instrumental dá lugar a uma textura mais maleável e mais respirada. O fraseado solístico mais espaçado e livre permite, por exemplo, um álbum como *Kind of Blue* (1959) de Miles Davis. Ora é precisamente do fraseado de Ahmad Jamal que Miles retirará a importância do espaço, do silêncio, para dar indicações ao seu pianista de serviço Winton Kelly. Também o fará com Red Garland. Dizer que Ahmad Jamal serviu de inspiração a Miles Davis é já dizer quase tudo. Principalmente se nos reportamos aos anos cinquenta.

Das sessões do Hotel Pershing resulta, entre outros, um álbum cujo sucesso foi absolutamente inédito. *But Not for Me* manteve-se 108 semanas na lista dos dez discos mais vendidos! Deveu-se sobretudo a facto de incluir o tema “Poinciana”. Ahmad Jamal adaptou este velho sucesso celebrizado nos anos trinta por Bing Crosby e as vendas permitiram-lhe abrir o Clube Alhambra no princípio da década de sessenta. Daqui resultará um álbum homónimo. Hoje em dia o melhor das sessões deste período está reunido em *Cross Country Tour: 1958-1961*.

Ahmad Jamal não deixou de seguir as tendências principais da música ao longo do tempo. *Tranquility* (1968) conta com dois temas da autoria de Burt Bacharach. *The Awakening* (1970), *Freeflight* (1971) e *Jamalca* mostram como o modalismo e depois o *funky* foram assimilados pontualmente na sua linguagem. Deste último note-se também a adaptação que faz do conhecido tema do filme *M\*A\*S\*H* (1970). Também em *Digital Works* (1985) a introdução de ritmos latinos e do baixo eléctrico não o afastou muito do seu estilo central. Por outro lado, a sua própria música tem sido alvo de uma certa actualização já que vários nomes ligados ao *hip-hop* a têm utilizado para sucessos mais fáceis.

Trata-se de um pianista dotado de uma técnica excelente mas que não o faz encaminhar pelo *triunfo da dificuldade*. O seu fraseado é sempre bastante pertinente, sem excessos e de uma elegância constante. Para isto contribui também o seu acertado sentido rítmico e harmónico. O facto de tocar (quase) sempre em trio atesta a sua honestidade artística. Não é que em quarteto ela se perca. A exploração criativa em combos pequenos permite uma afinidade muito particular. Não será por acaso que, a exemplo das anteriores, a formação actual com James Cammack e Idris Muhammad já conta com uma grande longevidade. Neste caso são 26 anos de parceria. É justamente a confiança que se gera a partir deste tipo de interacção que leva a que Ahmad Jamal prefira o piano – quase sempre Steinway –, colocado à direita do palco.

As raízes de Pittsburgh e o contacto constante com a Europa, a fidelidade à sua ideia de boa música e a não imposição do seu carácter perante os músicos formam o seu estilo. Sem exotismos mas também sem um conservadorismo rígido a verdade é que Ahmad Jamal nunca peca por monotonia. Os seus trabalhos mais recentes revelam que o jazz reserva sempre um sentido actual quando se trata de ser tocado por nomes maiores. O ciclo *The Essence*, dos anos noventa, denota a relevância da sua mestria e continua a sua longa série de álbuns gravados ao vivo. É de facto ao vivo que o jazz acontece na sua verdadeira acepção. O concerto no Líbano em 2003 no templo romano de Baalbeck afirma a convivência cultural, dir-se-ia, ao nível da excelência. A sua constante actividade não deixa que a fase de Hotel Pershing lhe sirva de cruz. É sem dúvida apontada como a mais idiomática da sua personalidade musical. Mas precisamente porque é de jazz que falamos, temos de ter em conta algo que lhe é muito próprio: a renovação. E Ahmad Jamal tem o mérito de ser um dos grandes.

João Pedro Louro

**Notas na imprensa americana a propósito do concerto de 4 de Junho de 2007, no Gaillard Concert Hall (EUA), com a presença de 2600 pessoas**

“AHMAD JAMAL e os seus companheiros, JAMES CAMMACK (contrabaixo) e IDRIS MUHAMMAD (bateria), que tocam juntos há 26 anos, exploraram ideias musicais em contraste, com enorme prazer de as fazer ouvir, sempre com evidente bom gosto na interpretação e com a mestria só possível nos gigantes desta área da música. AHMAD JAMAL, sem imposições, conduz a improvisação para um trabalho colectivo, onde os três músicos dominam na perfeição as mudanças bruscas de tempo, de volume e de timbre.”

**Afirmações de MILES DAVIS a propósito do pianista AHMAD JAMAL**

“Para mim, AHMAD será sempre ‘O Terrível’. Para me sentir completo, gostaria de ter tido um filho de olhos azuis e que tocasse piano como AHMAD JAMAL. O conceito de espaço e silêncio na improvisação, a leveza do toque, os acordes invulgares sobre as progressões harmónicas, a impressionante energia que coloca na sua música, chegam a fazer-me sentir com falta de ar.”

**Comentários de Paulo Gil**

“Foi Dorothy, irmã de MILES DAVIS, que o apresentou a AHMAD JAMAL, em 1954. Pouco tempo depois, o trompetista viria a compor o tema “Ahmad’s Blues”, que o pianista Red Garland, membro do famoso quinteto de MILES, interpretou de forma magnífica no disco *You’re My Everything*, gravado em 1956. Sabe-se que MILES DAVIS aconselhava Red Garland e, posteriormente, o pianista que o substituiu, Tommy Flanagan, a improvisarem como AHMAD JAMAL ou, em caso de dificuldade, a não fazerem solos pura e simplesmente...”

“Depois de ouvir o concerto de Ahmad senti-me realmente inspirado e desperto para o verdadeiro significado do jazz. [...] O concerto continua bem vivo na minha memória...”

**Ben Waltzer**, *The New York Times*

**Ficha CCB**

**Crédito:** Frank Capri